

DOI: <https://doi.org/10.29327/560891.1-8>



## **Cozinhando histórias de pesquisa: o *podcast* Mundaréu<sup>1</sup>**

Daniela Tonelli Manica

Soraya Fleischer

### **Um mundaréu de histórias pra contar**

“A sua mãe entende a sua pesquisa?”. Essa pergunta rodou as redes sociais em algum momento de 2020, trazendo à tona a polêmica e complicada relação entre o conhecimento científico que se produz na universidade e a sua compreensão por pessoas não acadêmicas. Algumas pessoas, defendendo a importância pública do conhecimento que é produzido e pago com dinheiro dos contribuintes. Outras, tentando explicar que no coletivo de cientistas, algum grau de especialização é necessário e que nem sempre é possível traduzir para um público leigo os detalhes das pesquisas científicas.

---

1 O Mundaréu é produzido por Daniela Manica e Soraya Fleischer, e está disponível nos principais tocadores de *podcast* e no Instagram, Twitter e Facebook, @mundareupodcast. Seu sítio eletrônico é: <https://mundareu.labor.unicamp.br/>

O *podcast* Mundaréu nasceu desse desconforto entre querer que “nossas mães entendam nossas pesquisas”, e que possamos também legitimar e defender esse tipo de conhecimento que tem sido tão ferozmente atacado nos últimos anos: o das Humanidades e Ciências Sociais e, em particular, o da Antropologia. Um tipo de ciência que se faz junto com pessoas, com os mais diversos tipos e grupos de pessoas. Quanto mais diversos, melhor. A disciplina nasce da percepção da diversidade humana.

Mundaréu nasceu da vontade de usar uma linguagem mais acessível, de chegar a mais gente e de mostrar como uma antropóloga faz pra ser professora, escrever artigos, ter um currículo Lattes e dar palestras. Foi da vontade de ouvir cada vez menos “*Pera aí, antro... o quê??*”, que criamos, em 2019, um *podcast* para divulgar e popularizar o que a área da Antropologia estuda, faz e produz. De lá pra cá, lançamos duas temporadas e duas séries, num total de 30 episódios, e contando. Aqui, vamos contar sobre a ideia do Mundaréu, mas o processo de produção pode ser conhecido de modo mais detalhado noutro artigo que escrevemos (FLEISCHER; COUTO, 2021).



Daniela Manica e Soraya Fleischer em frente ao prédio do Labjor/Unicamp, após a gravação de um dos episódios. Autoria: Daniela Manica.

Este foi um projeto que surgiu do encontro de várias mulheres. A Soraya ficou fã de *podcasts* quando precisou de companhia para encarar a esteira e o exercício físico. Foi quase que ao mesmo tempo em que a Daniela entrou no Labjor, onde conheceu a Simone Pallone de Figueiredo, que coordena o Oxigênio, uma das primeiras experiências em divulgação científica por *podcast* no Brasil. Também conheceu a Bia Guimarães, que a entrevistou para um episódio do Oxigênio (chamado “Estranha células das entranhas”), e a Sarah Azoubel, que também tinha voltado dos EUA animada com essa mídia. Bia e Sarah criaram o 37 Graus, que é um *podcast* narrativo primoroso do qual somos muito fãs, e seguem contando histórias “com um pé na ciência”, como elas dizem.

Com o apoio dessas mulheres, e de toda a infraestrutura do Labjor na Unicamp, do Departamento de Antropologia na UnB e de agências de financiamento como o CNPq e a FAPESP, conseguimos colocar no ar o Mundaréu. Foi um processo muito bonito (e trabalhoso) pensar nome, logo, *site*, roteiro, edição, tocadores, formato. E ele segue com a presença de muitas pessoas, como os estudantes de Ciências Sociais, Educação e Música que compõem (ou já compuseram) a equipe do Mundaréu – Ana Noronha, Arthur Ulhôa, Bruno Campelo-Pereira, Camila Pissolito, Fernanda Andreia Andrade, Hugo Virgílio, Irene do Planalto, Janaína Aleixo, Lucas Linardi Carrasco, Melissa Beviláqua, Milena Peres (e Julia Couto, Luísa Nascimento, Nicollas Douglas de Souza Pereira, Rosânia do Nascimento e Vinícius Fonseca), e como os antropólogos e suas interlocutorias que vêm conversar conosco nos episódios.

Este foi o caso da Nashieli Rangel Loera, que convidamos para participar do quarto episódio do Mundaréu, “Lona, luta e andorinhas”, publicado em março de 2020. E ela convidou Irineu Pereira, uma das principais lideranças rurais com quem ela tem convivido nos últimos anos no oeste de São Paulo. Nashieli Loera é antropóloga e professora da Unicamp. Ela tem estudado os seguintes temas: “processos sociais e territorialidades, espacialidades e temporalidades, formas e linguagens de demanda social coletiva e sua relação com o Estado”. Esta é a forma como ela apresenta sua especialidade no texto introdutório do Currículo Lattes.

Num artigo, a mesma autora explica no resumo que pretende entender “os mecanismos sociais que permitem a produção e efetivação de políticas de distribuição de terra no Estado de São Paulo” (LOERA, 2015, p. 57). E abre este mesmo artigo com a seguinte frase, “No Brasil, as ocupações de terra e a montagem de

acampamentos organizados por movimentos são uma maneira de reivindicar do Estado demandas sociais, nesse caso, desapropriação de terras para fins de reforma agrária” (*ibid.*, p. 27).

Ela faz pesquisa sobre o campesinato, a agricultura familiar, a violência no campo no Estado de São Paulo. Esta talvez seja a forma como a organizadora de um congresso acadêmico apresentaria Nashieli, antes de ela proferir a sua conferência. São todas formas de explicar o que ela tem feito nos últimos anos.

Por um lado, um público mais geral talvez esbarre em palavras pouco usuais, como “processos sociais”, “territorialidades”, “mecanismos sociais”, “campesinato”. Por outro lado, estas explicações todas são panorâmicas, amplas e talvez até dificultem que esse mesmo público imagine como, na prática, ela faz tudo isso. No *podcast* *Mundaréu*, apostamos em conhecer sua forma de fazer Antropologia ouvindo Nashieli e Seu Irineu contarem histórias sobre como se conheceram e como foram, com o tempo, fazendo essa ciência juntas.



Daniela Manica, forçando uma *selfie* com Soraya Fleischer, Nashieli Rangel e Irineu Pereira, na gravação do episódio 4 do *Mundaréu*. Ao fundo Octávio Augusto, pilotando o estúdio da Rádio da Unicamp. Autoria: Daniela Manica

## Quais são os ingredientes do Mundaréu?

### As pessoas

Ciência, pesquisa e trabalho só acontecem porque tem um monte de gente por trás. Um livro, uma aula ou uma palestra não se materializam de um dia para outro. E um *podcast* também não, claro. É preciso conhecer essa gente que faz. As pessoas são o primeiro ingrediente desta receita.

Na academia, as pesquisadoras são apresentadas através do Currículo Lattes, que é a plataforma oficial que reúne informações sobre o vínculo institucional, a formação em graduação e pós-graduação, pesquisas realizadas e em andamento, publicações, orientações, participações em bancas e eventos. Em periódicos acadêmicos e livros, são apresentadas brevemente em algumas linhas, com um número limitado de caracteres. Em eventos, são apresentadas (ou se apresentam) em poucos minutos, antes de apresentação oral.

No Mundaréu, apresentamos Nashieli como uma antropóloga mexicana que trabalha há muitos anos no Brasil. Ela fez pesquisas sobre o mundo rural no México durante o seu curso de graduação, depois sobre o mundo rural no Brasil em seu curso de mestrado e doutorado. Ela trabalha com esse tema desde muito jovem, são décadas dedicadas a entender os conflitos agrários, a má distribuição de terras, as lutas e movimentos sociais por mais justiça no campo.

Também conhecemos a trajetória de vida e trabalho de Seu Irineu. Nasceu em Alagoas, mudou-se adolescente para ajudar a família na terra no interior do Paraná e aos 18 anos foi trabalhar na cidade de São Paulo. Seus empregos foram na grande indústria – borracha, pneumática, têxtil e telefonia – e ele logo aderiu à lida sindical. Daí, foi um pulo para conhecer a luta pelo direito de plantar o próprio alimento. No Movimento Sem Terra (MST), Irineu conheceu o interior paulista e acabou acampando sob a lona preta por muitos anos nas beiras das estradas na região do Pontal do Paranapanema. E, depois de enfrentar muita assembleia, manifestações, muitos jagunços, ponta de espingarda, negociações em cartórios e órgãos governamentais, ele e sua família foram devidamente assentados em uma terra que estivera, por muito tempo, nas mãos de um só dono que não produzia e não pagava os impostos.

Então, o episódio do *podcast* começa com a apresentação desses personagens. Nossa intenção é humanizar esta cientista social e este cientista do movimento social. Ficamos sabendo que eles têm em comum a migração, mudança, viagem. E, depois de rodar o mundo, eles se encontram no estado de São Paulo. Vamos conhecendo a Antropologia feita pela Nashieli e Irineu entrando pelo quintal de fundo e pela cozinha, não pela calçada, o alpendre ou a sala de estar. O Mundaréu geralmente abre seus episódios lembrando que são pessoas a fazer a ciência, são suas personalidades, anedotas e escolhas que constroem os temas de pesquisa, que escrevem os resultados encontrados. Queremos mostrar como as pesquisas são feitas.

Conhecer as pessoas que fazem a ciência não é uma prática muito comum na ciência. A ABNT, por exemplo, que rege muito da forma como devemos publicar nossos artigos, exige que os nomes dos autores, lá nas Referências Bibliográficas que são listadas ao final, venham apenas com a sua inicial. Então, para quem não conhece a pesquisadora, não saberá, por exemplo, que “LOERA, N.” é uma autora e não um autor. Felizmente, na última página do artigo de Nashieli, encontramos: “é professora do Departamento de Antropologia e pesquisadora do Centro de Estudos Rurais da Universidade Estadual de Campinas” e não apenas “Departamento de Antropologia”, “CERES” ou simplesmente “Unicamp”.

Muitas áreas científicas, como as Ciências Sociais também, torcem o nariz para textos que não utilizem o sujeito narrador na terceira pessoa, tornando o texto genérico e “impessoal”, de modo que não consigamos saber quem está escrevendo. Nashieli evita escrever “como foi mostrado”, “a hipótese deste artigo” ou “será analisado aqui”. Ao longo de seu artigo, grifamos a forma como ela prefere conjugar gênero, número e grau:

**Como mostrei** em outros textos (Loera, 2010, 2011 e 2013), o tempo de acampamento pode ter diversos significados, todos eles referidos ao contexto, à situação, assim como às posições que as pessoas ocupam nesse mundo social particular. (LOERA, 2015, p. 29)

**Minha hipótese** é que o tempo de acampamento, como mecanismo de seleção de famílias no mundo das ocupações de terra tem sido constituído na relação com os órgãos do Estado encarregados da desapropriação de terras, e é na di-

nâmica dessa relação que vai sendo modelado pelos próprios movimentos e vai tomando outros significados. (LOERA, 2015, p. 30)

Nesta ocasião, **analisarei** etnograficamente a dinâmica de organização e configuração de acampamentos liderados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na região do Pontal de Paranapanema, a oeste do Estado de São Paulo, região com maior número de acampamentos sem-terras do estado. (LOERA, 2015, p. 31)

Estamos aproveitando este artigo de Nashieli para mostrar como seu texto subverte o padrão mais convencional da linguagem científica. E da mesma forma, no *podcast*, exploramos outras formas de falar sobre ciência. O microfone e a própria voz dão corpo à cientista. Não dá mais para manter a ideia de cientista sem gênero, cor, história. A presença e a espontaneidade da conversa reforçam nossa aposta em uma ciência situada, na qual se fala de um certo lugar, que marca e é marcado pela posição dessa pessoa no mundo. A voz comporta a expressão das emoções de quem fala, ao contar sobre suas histórias de pesquisa. Na mídia de áudio gravada ao vivo não há como desaparecer atrás de palavras bonitas e floreadas, ou de uma regra da ABNT ou da letra inicial do seu nome. No Mundaréu experimentamos uma ciência feita no calor da hora, e queremos justamente reforçar essa quentura da vida, do encontro e das relações que se criam a partir daí.

## **Os lugares**

Este é o segundo ingrediente importante do Mundaréu. No episódio “Lona, luta e andorinhas”, Nashieli descreve o que ela viu nos acampamentos. Por exemplo, o tamanho das plantas lhe informava sobre o tempo em que as pessoas estavam ali, vivendo à beira da estrada, esperando que lotes fossem demarcados. Não havia luz elétrica, então as pessoas ouviam rádio de pilha, faziam fogueira para esquentar à noite, faziam roda para papear. As crianças estavam sempre presentes, brincando, cuidando dos animais de estimação, chamando a pesquisadora para conhecer a avó ou apresentar um tio que tivesse vindo visitar naquele sábado.

Quando ela nos contou dos espaços de um acampamento, podemos imaginar por onde ela chegou, caminhou e circulou por ali. Conseguimos entender a forma como a antropóloga abordou as pessoas, apresentou sua pesquisa e checkou

se poderiam conversar um pouco. Nashieli deve ter perguntado sobre os nomes de plantas que via crescer ali perto da cozinha, sobre que notícias chegavam pela rádio. Aceitou sentar com as crianças, ouvir suas cantorias e piadas. Passou tempo com elas, ganhou confiança e também respondeu às suas perguntas sobre sua própria família, seus filhos e seu sotaque de outro país.

Es estudantes, que sempre lhe acompanhavam, podem ter feito perguntas sobre parentes que apareciam só no final de semana e de onde vinham. E, com isso, começariam a entender como as relações de parentesco poderiam unir diferentes acampamentos. Talvez tenham notado que, em alguns barracos, a família dormia até tarde e entendessem que, na noite anterior, tivessem estado na escala da segurança do acampamento, dividindo as tantas tarefas por ali. E, nessa casa, seria mais adequado chegar de tarde, para ajudar a lavar a louça do almoço, para tomar um café na varanda.

Descrever os lugares, os ritmos e também os trajetos percorridos é uma das práticas mais comuns da Antropologia. Prezamos a riqueza de detalhes, contamos sobre cores e cheiros, lembramos com quem falamos e por qual assunto seguiu nossa prosa. Tudo isso também ajuda a traduzir onde, como e com quem fazemos nossas pesquisas. Estamos aqui falando das metodologias de nossa pesquisa científica.

No episódio, também ouvimos Nashieli e Irineu conversando entre si. Ele conta como foi convidado por ela para dar aula para suas turmas na universidade. Ela conta como foi chamada para ajudar a colher as verduras na horta, fazer as visitas diárias aos barracos, saber dos bebezinhos novos ou de quem estivesse doente. Os convites vêm e vão, há uma mão dupla de perguntas e também de convivência. Ambos visitaram o mundo um do outro. Se ela passava temporadas no acampamento e depois no assentamento para fazer sua pesquisa, na ocasião da gravação desse episódio, ele ficou em sua casa em Campinas para facilitar o trânsito até o *campus*, o estúdio. Os lugares vão se ampliando, da beira da estrada até a universidade e vice-versa. Os lugares são povoados pelas pessoas, antropólogo e interlocutores, suas perguntas e formas de realizar sua pesquisa. Ao mesmo tempo que, no *podcast*, ouvimos sobre esses lugares, ficamos sabendo como eles foram percorridos por Nashieli e Irineu, pelas estudantes da Unicamp e es militantes da reforma agrária. A conversa no Mundaréu é um tiquinho da prosa que

aconteceu antes dali, em outros lugares e com muito mais gente. E, assim, vamos conhecendo onde e como essa Antropologia aconteceu.

## **As relações**

Em nossos textos, muitas vezes, explicamos sobre a vida de outrem, trazemos trechos que nos foram contados, analisamos essas ideias face a outras que ouvimos de outras pessoas, em outros cantos. Falar “sobre” ou “de” outrem é a forma narrativa mais comumente encontrada em artigos, livros, aulas e palestras na Antropologia. Mas queremos contar ainda de outro jeito, queremos contar “junto” com esse outrem. A proposta é falar das relações, este terceiro ingrediente importante em nosso *podcast*.

No Mundaréu, quando a gente convida e reúne antropólogo e interlocutore, em primeiro lugar, abrimos espaço para que es dois narrem sobre a experiência da pesquisa antropológica. Em segundo lugar, não será mais e antropólogo que nos contará o que e interlocutore lhe contou, mas a pessoa mesma estará presente no estúdio, e poderá contar a sua versão de como conheceu esse pesquisadore, por onde foram e o que conversaram. Ouvimos Irineu, com seu sotaque alagoano-paranaense-paulistano, aquela forma de pausar uma frase bem na hora para criar um suspense, e ganhar nossa simpatia. Ouvimos a voz de Nashieli, seu timbre e ritmo, depois ouvimos a voz de Irineu, seu humor e risadas. Um depois do outro, num diálogo com tantas sonoridades, tanta diversidade de histórias. O jeito de conversar, o tom dado à frase, o tipo de emoção que ouvimos na voz, tudo isso fala da relação que existe entre os dois.

No *podcast*, temos a chance de ter menos uso da voz passiva, menos uso do tempo verbal no passado. Serão menos atravessadorias ou mediadorias de informações, mas histórias contadas por aquelas pessoas que as viveram junto. Há espaço para uma história ser contada por um e complementada por outro; ser começada por um e levada por outro rumo pelo outro; para a história receber diferentes versões, discordantes entre si, inclusive. É como se Irineu estivesse também a fazer anotações e complementos no artigo da Nashieli ou, ao ouvir sua palestra num congresso, ele lhe interrompesse e acrescentasse mais detalhes, ou a atualizasse sobre algo que aconteceu depois que ela tivesse passado pelo assentamento.

Trazer estes dois personagens para dentro de um *podcast* é sacudir o jeito que temos feito e publicado nossas pesquisas. É pensar a Antropologia como uma ciência que é também lida e avaliada pelas pessoas que povoam o mundo que torna possível essa forma de ciência. E apostar que outra ciência é possível, diferente da que usa uma linguagem, um tamanho de texto, uma forma de publicação (cara e inacessível) exclusivamente produzida e voltada para outros cientistas lerem e consumirem. Claro, Nashieli também almeja ser lida e conhecida por colegas antropólogos na Unicamp e em outras universidades brasileiras e estrangeiras. Mas, sobretudo, ela quer que Irineu, sua esposa Silvana, seu enteado adolescente e todos os companheiros de lona e luta possam saber o que ela anda pensando sobre a reforma agrária. E também quer saber como eles acham que seus pensamentos podem ficar mais claros, podem ganhar mais força.

Mas estas conversas francas e mutuamente críticas dentro do Mundaréu não são uma novidade para aquelas duplas que já fazem isso há muito tempo fora dali, como é justamente o caso de Nashieli e Irineu. Eles só toparam vir conversar conosco porque estavam muito confortáveis nesse lugar da conversa horizontal, do aprendizado complementar, do crescimento mútuo e coletivo. A pesquisadora receber perguntas de volta da pessoa com quem faz a pesquisa não assusta nem desestabiliza Nashieli porque, em seu trabalho de campo com Irineu e seus colegas de assentamento, isso já acontece frequentemente. Ela não faz uma ciência fechada para discordâncias ou ajustes. Sua Antropologia é dialogada, é permeável e isso não é muito comum nem na nossa nem nas outras áreas da ciência.

Inclusive, no episódio, ela contou ter por costume entregar, enviar e compartilhar o que escreve sobre essa comunidade. À certa altura da pesquisa, ela levou o livro que publicou e deu de presente para várias das pessoas assentadas (LOERA, 2014). Depois disso, numa ocasião de conflito, quando uma senhora teve seu “tempo de acampamento” questionado, ameaçando que tivesse direito a um lote de terra, foi justamente o livro de Nashieli que ganhou serventia. A senhora encontrou seu nome e fotografia no livro de Nashi, demonstrando exatamente o número de anos que tinha ficado sob a lona preta, à beira da rodovia. Um livro é um resultado de pesquisa esperado e valorizado na comunidade científica da qual Nashieli é parte, mas para a comunidade em questão, o livro ganhou muitos outros sentidos.

Mostramos no episódio que, se Nashieli faz pesquisa, Irineu e seus companheiros também fazem. Ela escreve artigos, publica livros; eles fazem levantamentos das terras improdutivas, mantêm atualizada a frequência de quem está acampado, quem trabalha e quem “pontua”, isto é, quem reúne as condições necessárias para a reivindicação por terra. Observar a realidade, refletir e falar sobre ela são procedimentos científicos realizados pelos dois.

### **Mas como um *podcast* de Antropologia fala sobre Ciência?**

Com o Mundaréu, queremos discutir os obstáculos e as possibilidades para a divulgação da Antropologia. Por um lado, estamos vivendo um momento em que as Humanidades parecem estar em constante questionamento de seu jeito de fazer pesquisa, de se relacionar com as pessoas durante as pesquisas e, depois, de escrever sobre tudo isso. Por outro lado, as questões relativas à crise sanitária e às Ciências Biológicas estão, há muito tempo, em primeiro plano. Definindo o que conta (e o que não conta) como “ciência” e como “tecnologia”, quais são os parâmetros de avaliação do trabalho científico, como vai ser feita a alocação de recursos e, muitas vezes, definindo as agendas de pesquisa em um engajamento estreito com o mercado e, portanto, com o capitalismo.

Nos últimos dois séculos, as Ciências Sociais têm sido enquadradas pelas pautas das Ciências Naturais e, no caso da Antropologia, também do colonialismo. Antropologia é uma disciplina que se constituiu de formas diferentes nas suas diversas matrizes nacionais. No Brasil, a gente aprende sobre o jeito francês, inglês e estadunidense de fazer Antropologia. É uma área científica voltada para o estudo de “outrem”, da “alteridade”, no jargão técnico da área. No início da Antropologia partindo das tradições euroamericanas, esse “outrem” era incorporado pelos povos originários das colônias europeias (povos indígenas nas Américas, povos africanos e povos da macrorregião da Oceania). Povos que hoje constituem, majoritariamente, o “sul global”, os “trópicos”, o que já foi chamado de “terceiro mundo”.

Nos últimos 50 anos, essa “alteridade” se expandiu para ainda outros agrupamentos humanos, mas ainda “outrem” em relação ao “homem branco civilizado”: mulheres, negros, populações ribeirinhas, pobres, urbanas e periféricas e, como no caso da pesquisa de Nashieli, populações rurais e camponesas. Mais recentemente, nós começamos a ousar num movimento de reversão dessas hie-

rarquias coloniais e passamos a estudar também os sistemas de poder: estado, indústria, mercado, biomedicina e as próprias ciências.

A Antropologia desenvolve questões filosóficas apaixonantes, como por exemplo: “o que constitui a ‘humanidade’?”; “como funcionam mitos e rituais?”; “como se organizam socialmente povos sem Estado?”; “a partir de quais categorias as pessoas entendem o mundo?”. Os trabalhos iniciais, lá daquela virada do século XIX para o XX, se baseavam em narrativas épicas de deslocamento daqueles homens cientistas europeus para os recônditos dos trópicos, onde eles passavam muito tempo (anos, até) isolados, convivendo com essas pessoas, aprendendo sua língua, anotando tudo e depois organizando essas ideias numa forma de escrita longa e detalhada que nós chamamos de “etnografia”.

Se, por um lado, algumas dessas experiências foram feitas por “encomenda” dos países colonizadores, com finalidades explícitas de conhecer melhor para dominar melhor; por outro, com a consolidação da área, a Antropologia acabou ganhando mais autonomia e produziu, a partir de outras prioridades, centenas de etnografias. Estes trabalhos registram as perguntas e problemas que surgem desses encontros, sobre aquelas populações que estavam sendo estudadas e também para as próprias antropólogues, em relação a si mesmas e suas sociedades de origem.

Antropologia é ciência porque é urgente expandir o sentido de ciência. Entendemos ciência como uma forma organizada e coletiva de produção de conhecimento, aberta a mudanças e contestações, desde que compartilhadas pelo coletivo constituído. Essa ciência é um tipo de prática – fascinante e absolutamente necessária – que envolve um movimento básico e fundamental, um salto que a espécie humana conseguiu dar e registrar, sobretudo por escrito, que implica uma conversa com o mundo.

Uma conversa interessada que testa, experimenta, pergunta, mas sobretudo, que espera e depende da resposta. E a resposta não vem de si mesmo ou de alguma autoridade a quem o cientista responde, mas de como e onde responde. Seja este outro uma liderança do movimento da reforma agrária, uma comunidade de pessoas acampadas à beira da estrada, um tipo de tubérculo ali plantado, um agrotóxico, um vírus, um átomo – e também e própria antropóloga, que é convidada a participar e responder perguntas em um programa de *podcast*. Não

é um monólogo. Reconhecer isso é, para nós, o único sentido possível para uma ciência no século XXI, que esteja à altura dos desafios que nós, nesses filhas, netes e bisnetes terão que enfrentar.

Nós herdamos dos nossos antepassados um legado científico muito problemático, que participa de uma sociedade colonialista, extrativista, genocida, etnocida, racista, machista, capacitista, gordofóbica. Essa sociedade, com respaldo da própria ciência, costuma olhar para a “natureza” como recurso, como matéria-prima para ser apropriada; olha para os povos originários como seres inferiores e indolentes; olha para o povo brasileiro, majoritariamente afro-indígena, como “peso”, “custo” e “problema”, e não como potência.

Essa sociedade desenvolveu horror e medo de qualquer aglomerado de gente que levante a voz e questione os desmandos históricos de latifundiárias, famílias tradicionais ou dones do poder local. Nós duas nos envergonhamos dessa herança. Sabemos que temos um legado pesado e também temos uma tarefa enorme pela frente, caso queiramos sustentar essa ficção científica violenta que é o “Estado Brasileiro”. A ciência brasileira, infelizmente, colonizada, dependente e absolutamente incapaz de se enxergar nessa geopolítica global que nos desprivilegia, tem confirmado as estruturas que produzem lucro, terra e comida para poucos, enquanto produzem desigualdades sociais, sofrimento e morte para muitos.

## **Outras ciências são possíveis**

Nós somos da turma que acha que podemos fazer melhor do que isso. A gente tem que conseguir fazer melhor do que isso. Embora não estejamos sozinhas, essa nossa turma é ainda uma minoria, muitas vezes silenciada. Porque as Ciências Naturais sempre estiveram em primeiro plano, ditando as regras do que é “ciência” e “cientista” contra o que consideram “charlatanismo” ou “pseudociência”, definindo o que é verdade e o que é mito/falso/mentira. E elas geralmente propõem a ciência como tecnociência, que gera inovação e produtos a serem inscritos no mercado de consumo. Inclusive, também defendem que as sementes, a água, as terras e até os próprios artigos científicos sejam de propriedade intelectual capitalizável. Por isso, estamos sempre falando que os artigos científicos – agora também os *podcasts* científicos – sejam de acesso gratuito, tenham linguagem compreensível, estejam à disposição de todo mundo, principalmente de contri-

buintie (já que no Brasil a ciência é basicamente produzida com dinheiro público) e des interlocutories (como Irineu e colegas, que têm ensinado tanto à Nashieli).

Temos investido tanto no formato do Mundaréu porque ele comunica essa visão de ciência que estamos defendendo. Assumimos que ciência é algo que se produz por muita gente e sempre a partir de um encontro. No caso da Antropologia, frequentemente (embora não exclusivamente), esse encontro se faz **entre pessoas, lugares e relações** como mostramos anteriormente, a partir do exemplo do nosso quarto episódio, “Lona, luta e andorinhas”. Como foi o encontro entre Nashieli e Irineu? Como pesquisas nesses contextos acontecem? Como contar as histórias da ciência antropológica?

Nossa opção, pensando no legado e na herança pesadas que nossa área carrega, foi de colocar para conversar conosco antropólogo e interlocutore de pesquisa. Nosso objetivo é que nossas entrevistades nos contem suas histórias de vida e de encontro. E que interlocutories possam falar sobre o que acharam da interação, da presença, da relação de pesquisa que foi estabelecida com antropólogos que fizeram as pesquisas **com** eles (e não **sobre** eles). Essa diferença entre o “com” e o “sobre” não é uma diferença menor. Falar de outrem à distância, sem que esse outrem possa dar qualquer palpite, constitui uma ciência que objetifica, que dessubjetiva esse outro. Seria apenas uma ciência que reforça as relações de poder, que não reconhece a humanidade de outrem, que não prevê que este outrem pense, pergunte e critique, mas simplesmente receba e responda.

No Mundaréu, propomos outro tipo de encontro e de escuta, e tentamos fazer com que outra Antropologia seja produzida e outra forma de fazer ciência possa emergir. É claro que há limitações nessa nossa escolha, mas estamos tentando apostar num modelo de ciência que recusa o lugar de autoridade única e detentora exclusiva da verdade. As pessoas querem sentir confiança e segurança quando ume antropólogo, ou qualquer outro cientiste, chega querendo pesquisar. Precisamos de mais sentidos compartilhados, sentidos para todos os lados, não apenas para constar no Currículo Lattes ou junto ao programa de pós-graduação da universidade daquele pesquisadore. O discurso autoritário – da ciência ou de cientiste único – não está disseminando desinformação, está produzindo informações falsas para destruir alianças que visam a transformação das estruturas de poder e a proliferação do medo. Nossa ideia é outra, é conquistar corações e disputar sentidos que sejam compartilháveis.

Nossa aposta está em produzir uma ciência humana que se abra para possibilidades de contestação ou de validação. Com o Mundaréu, estamos tentando mostrar como o “fato” científico na Antropologia é **feito**. Queremos conhecer os ingredientes e receitas que constituem o alimento da pesquisa antropológica, aquilo que sustenta e fortalece seus corpos, através das pessoas que cozinham juntas, em um processo de pesquisa. Puxar um banco, sentar e exercitar a escuta e o diálogo críticos.

“Informação” não é algo que circula unilateralmente, de cima para baixo, de fora para dentro. Informação é algo novo, que transforma, que produz diferença porque muda todas as direções corriqueiras de produzir conhecimento. É do pedaço de chão no Pontal do Paranapanema, das panelas no fogão à lenha, do punhado de jiló orgânico, das flores na janela que Irineu e sua família foram mostrando para Nashieli como era acampar, assentar, produzir e garantir o direito de existir. Foi este mundo, conhecido de perto e com a convivência cuidadosa, que inundou os textos, as aulas e as palestras desta antropóloga da Unicamp. Foi na conversa continuada que o que conta como “dado científico” lhe chegou, que a Antropologia se tornou possível.

Se queremos ainda, e esperamos que queiramos todes, salvar alguma coisa das ruínas que restarão da universidade e do Brasil no final desse trem-fantasma em que nos encontramos neste período tão desafiador, não será sem construir e estreitar alianças com as pessoas e com os seres, terras, rios, florestas e coisas que compõem, habitam e sustentam nossas existências. É trabalho para um mundaréu de gente. Bora?

## Referências

FLEISCHER, Soraya; MOTA Julia Couto. 2021. Mundaréu: Um Podcast De Antropologia Como Uma Ferramenta Polivalente. *GIS- Gesto, Imagem E Som- Revista De Antropologia*, v. 6, n. 1. São Paulo, Brasil: e-172390. Acesso em: 22 jan. 2021.

LOERA, Nashieli Rangel. Mecanismos sociais da reforma agrária em São Paulo pelo viés etnográfico. *Lua Nova. Revista de Cultura e Política*, v. 95, p. 27-56, 2015.

LOERA, Nashieli Rangel. *Tempo de acampamento*. São Paulo: Editora UNESP, 2014, 231 p.

Mundaréu #4: “Lona, luta e andorinhas”. Apresentadoras: Daniela Manica e Soraya Fleischer. Convidados: Irineu Pereira e Nashieli Rangel. Campinas: LABJOR, Abril, 2020. Podcast. Acesso em: 22 jan. 2021.

Oxigênio: “Estranha célula das entranhas”. Entrevistadora: Bia Guimarães. Entrevistada: Daniela Manica. Campinas, LABJOR, 20. set. 2018. Podcast. Acesso em: 27 jan. 2021.



Acesse aqui a página do *podcast* Mundaréu na Rádio Kere-kere

**Daniela Tonelli Manica** é mãe, antropóloga e pesquisadora do Labjor/Unicamp. Estudou na Universidade Estadual de Campinas, foi professora no Departamento de Antropologia Cultural (IFCS-UFRJ) entre 2011 e 2018 e é professora no Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural (IEL-Unicamp) e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (IFCH-Unicamp). Produz o Mundaréu e coordena o grupo de pesquisa Labirinto. *E-mail:* [dtmanica@unicamp.br](mailto:dtmanica@unicamp.br)

**Soraya Fleischer** é mãe, antropóloga e professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Estudou na UnB, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Universidade de Johns Hopkins e mais recentemente na Universidade Federal de Santa Catarina. Produz o Mundaréu, coordena a CASCA (Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva) e pesquisa sobre a epidemia do vírus Zika. *E-mail:* [soraya@unb.br](mailto:soraya@unb.br)